

OCTAVIUS DE MARCO MINÚCIO FÉLIX

Nataniel dos Santos Gomes (ABRAFIL/UEMS/ASPAS/NuPeQ)
nataniel@uems.br

Autor: Marco Minúcio Félix

Tradução, introdução e notas: Luiz Fernando Dias Pita

Editora: Vimara Editor

Ano de publicação: 2025

Páginas: 216

ISBN: 978-65-01-53664-4

Introdução: um texto fundador no horizonte latino-cristão

O diálogo *Octavius*, composto por Marco Minúcio Félix no final do século II d.C., ocupa um lugar singular na história intelectual do Ocidente. Reconhecido como o primeiro texto cristão redigido em latim de que se tem notícia, a obra não se destina primordialmente à evangelização ou à exposição doutrinária, mas sim à defesa da nova fé perante a elite educada do Império Romano. A recente tradução direta do latim para o português, realizada pelo Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Pita, acompanhada de uma introdução crítica e notas elucidativas, oferece ao público brasileiro e aos especialistas um acesso privilegiado a este documento crucial. Esta resenha propõe-se a analisar a importância histórica, literária e teológica do *Octavius*, situando-o no contexto das disputas entre paganismo, filosofia greco-romana e cristianismo primitivo, e a avaliar os méritos da edição preparada pelo tradutor, especialmente seu potencial para os estudos clássicos, patrísticos e de retórica antiga.

A obra se estrutura como um diálogo entre três amigos – o pagão Cecílio Natal, o cristão Otávio Januário e o próprio Minúcio Félix, que atua como narrador e árbitro – durante um passeio à beira-mar em Óstia. O que começa como uma discussão casual sobre presságios transforma-se num debate formal sobre a validade da religião tradicional romana frente ao surgimento do cristianismo. O formato dialógico, herdeiro direto de Cícero e dos diálogos filosóficos gregos, não é mero artifício literário; é a essência da estratégia de Minúcio Félix: inserir o debate cristão no âmbito dos gêneros intelectuais respeitados pela elite romana.

1 Contexto histórico e autoria: Marco Minúcio Félix e a elite romano-africana

A introdução da tradução sublinha a escassez de dados concretos sobre Marco Minúcio Félix. As inferências, no entanto, são eloquentes: sua origem provável no norte da África romana (Cirta ou Cartago), sua formação jurídica em Cartago e Roma, e seu sucesso como advogado na capital imperial. Este perfil é fundamental para compreender o *Octavius*. O autor não é um teólogo eclesiástico, mas um membro da *nobilitas* por mérito, um *homo nouus* plenamente integrado na cultura retórica e filosófica de seu tempo. Sua conversão ao cristianismo, presumivelmente na idade adulta, representa precisamente o fenômeno que o texto busca facilitar e justificar: a adesão de indivíduos da alta sociedade romana à nova fé, sem que para isso precisem abdicar de sua racionalidade ou de seu patrimônio cultural. O século II d.C., especialmente o período antonino (138-192 d.C.), foi marcado por uma relativa paz política (*Pax Romana*) e por um florescimento intelectual conhecido como a “Segunda Sofística”. Nesse contexto, o cristianismo, ainda uma religião ilícita (não autorizada), começava a atrair adeptos de estratos sociais mais elevados e educados. Paralelamente, intensificavam-se os ataques intelectuais contra ele, não apenas dos defensores do culto tradicional (como o filósofo Celso, cujo *Discurso Verdadeiro* é contemporâneo), mas também de pensadores que viam na filosofia estoica, platônica ou epicurista um caminho mais racional para a vida virtuosa. O *Octavius* emerge, portanto, como uma resposta polida, porém firme, dirigida a esse público específico: os colegas advogados, magistrados e letrados pagãos que desdenhavam o cristianismo como superstição bárbara ou seita imoral.

2 Estrutura e análise retórica do diálogo

O diálogo divide-se em três partes principais, seguindo o modelo ciceroniano: 1) a exordial e a narrativa que estabelecem o cenário; 2) o discurso de acusação de Cecílio, representando a posição pagã; e 3) a refutação extensa de Otávio, expondo a defesa cristã. Minúcio Félix, como narrador, garante a imparcialidade formal do debate antes de declarar a vitória do amigo cristão.

O discurso de Cecílio é um compêndio preciso das objeções mais comuns ao cristianismo no século II. Ele não ataca doutrinas teológicas complexas, pois estas eram pouco conhecidas ou mal compreendidas pela elite. Seus alvos são a prática social e a postura intelectual dos cristãos:

- Ceticismofilosófico e acadêmico: Cecílio inicia invocando a acatalepsia (a incognoscibilidade das coisas) da Nova Academia, defendendo que é mais sábio suspender o juízo diante de questões divinas do que aderir a uma crença dogmática e não demonstrada. O cristianismo é apresentado como uma temeridade intelectual.
- Apostasia e impiedade para com os deuses tradicionais: O abandono dos cultos ancestrais é visto como a causa de todas as calamidades públicas (pestes, inundações, guerras). A ideia de *superstitio* (superstição) é central aqui, opondo-se à *religio* (o culto público e correto).
- Atheotes (Ateísmo): A recusa cristã em adorar os deuses do Estado e o Imperador é interpretada como ateísmo, um perigo político e social.
- Ritos secretos e acusações de imoralidade: Cecílio ecoa as infames calumniae (calúnias) que circulavam: banquetes de tieste (canibalismo) e uniões incestuosas (concubitus incestos) durante as reuniões noturnas. Essas acusações, que remontam a preconceitos contra cultos de mistério, são usadas para pintar os cristãos como uma ameaça à moral e à coesão social.
- Origem humilde e recente: A novidade do cristianismo (resnoua) e sua origem entre classes baixas e povos orientais (judeus) são usadas como argumentos contra sua veracidade, em contraste com a antiguidade e nobreza da religião romana.
- Doutrina irracional: A crença na ressurreição do corpo e no juízo final é ridicularizada como absurda do ponto de vista físico e filosófico.

O discurso de Cecílio é, portanto, um documento inestimável. Ele não é uma caricatura, mas uma representação crível e articulada das objeções que um romano educado poderia levantar. Sua força reside justamente em sua verossimilhança, o que prepara o terreno para uma refutação à altura.

A resposta de Otávio, que constitui cerca de dois terços da obra, é uma obra-prima de retórica forense adaptada à apologética. Ele não se baseia nas Escrituras (citadas apenas de forma indireta e genérica), mas em argumentos acessíveis à mentalidade pagã:

- Refutação do ceticismo: Otávio concorda que a verdade sobre Deus é difícil de alcançar, mas argumenta que a Providência divina e a ordem do cosmos são evidentes até para os iletrados, sendo mais dignas de confiança do que as dúvidas dos filósofos. Ele inverte a acusação de irracionalidade.
- Crítica aos mitos e à religião tradicional: Aqui Minúcio Félix demonstra seu profundo conhecimento da literatura e da mitologia clássica. Através de Otávio, ele cataloga as imoralidades, inconsistências e absurdos dos deuses pagãos, usando como fontes os próprios poetas e filósofos greco-romanos (Homero, Hesíodo, Sêneca, Eurípides). A estratégia é brilhante: desconstruir o paganismo com as armas de sua própria cultura. A religião tradicional é reduzida a culto a mortos (heróis divinizados) ou a forças da natureza personificadas.
- Defesa da concepção cristã de Deus: Otávio apresenta o Deus cristão como uno, eterno, incorpóreo, infinito, criador e governante do universo através da Providência. Esta descrição, fortemente influenciada pelo platonismo médio e pelo estoicismo (especialmente a ideia de Logos), é cuidadosamente formulada para ressoar nas noções filosóficas mais elevadas da época. O cristianismo é pintado não como uma superstição, mas como a verdadeira filosofia.
- Resposta às calúnias: De maneira veemente, mas ainda contida, Otávio nega as acusações de imoralidade, argumentando que são absurdas e que os próprios ritos pagãos (como os dos deuses da fertilidade) são muito mais obscenos. Ele desloca a acusação de secretismo, afirmando que os cristãos não têm nada a esconder, mas se reúnem discretamente para evitar perseguição injusta.
- A origem recente como virtude: Em vez de negar a novidade, Otávio a transforma em virtude. A verdade, como a luz, dissipa as trevas da superstição antiga. A simplicidade e a pureza moral dos cristãos são contrapostas à corrupção e ao luxo da sociedade pagã.

- A doutrina da ressurreição e do juízo final: Ele defende a ressurreição com argumentos da analogia natural (as estações, o ciclo dia/noite) e da onipotência divina. A doutrina do juízo final é apresentada como o fundamento necessário para a justiça moral, já que muitas vezes os bons sofrem e os maus prosperam nesta vida.

O resultado é uma defesa que opera quase inteiramente dentro do quadro de referência intelectual pagão. Jesus Cristo é mencionado apenas de passagem; o foco está na teologia natural, na crítica ética ao paganismo e na defesa da comunidade cristã como portadora de uma vida virtuosa e racional.

3 O *Octavius* e a tradição apologética: comparações e singularidades

Para apreciar plenamente o *Octavius*, é útil contrastá-lo com outros textos apologéticos do século II. Justino Mártir, escrevendo em grego algumas décadas antes, também dirige suas *Apologias* ao Imperador e ao Senado, mas suas obras são mais expositivas, buscando explicar os ritos cristãos (batismo, eucaristia) e demonstrar como as profecias hebraicas se cumpriram em Cristo. Justino dialoga intensamente com a filosofia platônica, vendo nela uma “semente do Verbo” (*spermatikos logos*).

Tertuliano, contemporâneo africano de Minúcio Félix e seu sucessor imediato no uso do latim cristão, possui um estilo completamente diverso. Em seu *Apologeticum*, a erudição clássica serve a uma retórica agressiva, irônica e por vezes sarcástica. Seu famoso argumento sobre o sangue dos mártires como «semente» da Igreja e sua veemente defesa da fé contra a cultura circundante revelam um tom mais combativo e sectário.

O *Octavius* se situa num meio-termo único. É mais polido e literário que Tertuliano, mais focado na defesa social e na refutação filosófica do que na exposição doutrinária de Justino. Sua originalidade reside no formato dialógico, que confere uma aparência de debate aberto e justo, e na escolha estratégica de omitir elementos especificamente cristãos (como a Cruz, central para Tertuliano) que poderiam ser considerados escandalosos ou irracionais para um público pagão.

4 A tradução de Luiz Fernando Dias Pita: méritos e contribuição

A presente edição em português representa um marco para os estudos clássicos e patrísticos no Brasil. A tradução do Prof. Luiz Fernando Dias

Pita é fruto de uma dupla expertise: o sólido domínio da língua latina, atestado por seu doutorado na área, e a sensibilidade filológica e literária de um tradutor experiente, com obras complexas como os Sermões de São Bernardo em seu currículo.

A tradução consegue o equilíbrio desejável entre fidelidade ao texto original e fluência na língua de chegada. O estilo ciceroniano de Minúcio Félix, com seus períodos longos, paralelismos e antíteses, é respeitado sem soar artificial em português. Termos técnicos de retórica e filosofia (e.g., acatalepsia, providentia) são traduzidos com precisão, muitas vezes com notas explicativas.

As notas de rodapé são um dos grandes trunfos desta edição. Elas não se limitam a explicar referências obscuras, mas contextualizam argumentos, identificam ecos de autores clássicos (Cícero, Sêneca, Virgílio, Lucrécio), e apontam paralelos com outros textos apologéticos (Tertuliano, Lactânio). Isso transforma o volume num instrumento de ensino e pesquisa valiosíssimo.

A introdução vai além da mera apresentação biográfica. Ela situa o *Octavius* no contexto histórico e literário do século II, analisa sua estrutura retórica, discute questões de autoria e datação, e explora sua recepção. É um ensaio acadêmico por direito próprio, que prepara o leitor para uma apreciação profunda do texto.

A decisão de transferir a biografia do tradutor para a orelha, conforme solicitado, e a presença de índices e bibliografia (assumindo que a edição completa os tenha) aumentam a utilidade do livro para fins acadêmicos.

A tradução de Pita coloca o *Octavius* ao alcance de um público amplo, desde estudantes de Letras Clássicas, História e Teologia, até pesquisadores consolidados. Ela preenche uma lacuna significativa na bibliografia em português sobre o cristianismo primitivo e suas interações com o mundo romano.

Conclusão: uma obra-prima da transição cultural

Octavius de Marco Minúcio Félix, na competente tradução e edição de Luiz Fernando Dias Pita, é muito mais que uma curiosidade histórica ou um texto de nicho para patrologistas. É uma obra fundamental para compreender um dos momentos decisivos da história ocidental: a infiltração do pensamento cristão na espinha dorsal intelectual do Império Romano.

Esta edição brasileira, pela qualidade da tradução e pelo rigor do aparato crítico, faz justiça à complexidade da obra. Ela se recomenda não

apenas como um recurso para cursos de Latim, Literatura Latina, História Antiga ou Patrística, mas como uma leitura instigante para qualquer estudioso interessado nos mecanismos do debate ideológico, na retórica da tolerância e da intolerância, e nos processos complexos de mudança religiosa e cultural. O *Octavius* de Minúcio Félix, por meio do trabalho do Prof. Pita, continua seu diálogo, agora com os leitores do século XXI, provando a perene vitalidade dos clássicos.